

Pensando em Ilustrações de Livros

KAFKA, certa ocasião, andou negociando com um editor a publicação de seu texto *A Metamorfose*. Um desenho de capa chegou a ser feito. A obra conta a história de Gregório Samsa, um sujeito que amanhece um dia na cama transformado num inseto. Pensando nisso, o ilustrador fez um desenho mostrando uma espécie de homem-inseto. KAFKA ficou uma bomba. Disse que não era nada daquilo(2).

Fico imaginando o desenhista chegando em casa chutando porta, sua mulher perguntando: "tudo bem?" e ele dizendo: "não, apareceu o autor, um tal Kafka, um doido, achou o desenho uma droga e todo o trabalhão que eu tive, até pesquisa em livro de Biologia por causa do inseto, foi por água abaixo!".

É dura a vida de ilustrador.

Antes de GUTEMBERG, os livros eram produzidos à unha, manuscritos e desenhados um por um. Imagine um livro de Botânica cheio de árvores, flores, folhas, raízes e sementes, além do texto. Para tirar uma cópia era necessário escrever e desenhar tudo de novo. Com o passar do tempo, as cópias, feitas sempre por diversos desenhistas, acabavam ficando diferentes umas das outras. E que a personalidade de cada desenhista interferia no trabalho. Carvalhos desenhados por Fulano não se pareciam com os desenhados por Beltrano. Carvalhos copiados dos de Beltrano ficavam mais diferentes ainda. Um tratado de Botânica, por exemplo, escrito na Grécia Antiga, chegava, de cópia em cópia, na Idade Média, completamente distante do original(3). Fico imaginando o pobre ilustrador medieval entrando em casa chutando porta, sua mulher perguntando: "tudo

1 Escritor.

2 Não sei se essa história é verdadeira, mas para o desenvolvimento deste texto isso não tem importância.

3 Ver *Imagen Impresa y Conocimiento*, de W. M. IVINS JR. – Editorial Gustavo Gilli.

bem?" e ele dizendo: "não, picharam os desenhos, disseram que não sei quem, antigamente, desenhava papoulas muito melhor!".

Uma frase comum: as ilustrações ficaram boas; Fulano foi fiel ao texto. Que significa ser fiel a um texto?

Um editor tem um texto na mão. Chama dez ilustradores. Manda os dez trabalharem em cima do texto. O resultado será dez interpretações visuais do mesmo texto. Dez visões diferentes.

Um editor tem um texto na mão. Chama um ilustrador. O ilustrador, por qualquer razão, não pode pegar o trabalho. O editor chama outro ilustrador. O segundo, claro, fará um trabalho diferente do que o primeiro faria.

Um editor diz: "Tal texto nasceu para ser ilustrado por Fulano. Seu trabalho tem tudo a ver com o texto".

Outro editor dirá o mesmo?

CERVANTES publicou a primeira parte de seu maravilhoso Dom Quixote em 1605. Desde então inúmeras publicações foram feitas desse clássico da literatura. O livro foi ilustrado por Gustave DORÉ no século XIX. DORÉ era um senhor ilustrador. É difícil hoje dissociar a imagem do Cavaleiro da Triste Figura e seu fiel escudeiro, criados por CERVANTES, dos desenhos e dos climas de DOBE. Pergunto: CERVANTES aprovaria tais desenhos, trezentos anos depois? DORÉ foi fiel ao texto?

Que é ser fiel a um texto?

Essa idéia muitas vezes aparece misturada com a de que todo texto possui uma única e determinada leitura, um clima certo, uma chave, uma verdade mesmo, e que cabe ao ilustrador descobri-la e transmiti-la através de imagens.

Será?

Ou será que o ilustrador é apenas um artista que interpreta visualmente um texto e que, no máximo, pode dar sua visão ou versão sobre ele através dos desenhos?

Uma coisa é certa: todo ilustrador interfere no texto. A razão é simples: palavras são sempre imprecisas. O texto diz: a moça bonita. O autor pensou numa moça. O leitor, noutra moça. O ilustrador, noutra. Outro ilustrador, noutra ainda.

Palavras possibilitam várias leituras. A rigor, tantas leituras quanto o número de leitores. O mesmo texto vai ser lido racionalmente por um e emocionalmente por outro. Despertará em diferentes leitores diferentes sensações.

Pode ocorrer que um ilustrador diante de um texto seja tão subjetivo, tão subjetivo, que sua leitura se afaste demais de uma certa visão consensual (portanto superficial e vaga, mas, enfim, consensual). Isso pode ser ruim. Isso pode ser ótimo. Vai depender da premissa, da expectativa que havia diante do trabalho.

Dizer qual o melhor caminho visual a ser adotado diante de um texto significa dizer qual é o melhor a partir de uma determinada premissa. Mude-se essa expectativa e novos caminhos surgirão.

Livros didáticos pretendem ensinar coisas, por isso sua linguagem deve ser simples, clara e precisa, de modo a dar a menor margem possível a interpretações.

Isso é uma premissa. Uma expectativa. O ilustrador tem de segui-la.

Na obra literária as premissas são outras. O comprometimento é com a ficção. O texto pode-se dar ao luxo de voar, de ser prolixo, introspectivo, de inventar palavras, ser poético, simbólico, emocional, mágico, ambíguo.

O ilustrador diante de um texto assim erra sempre? Erra, pois tem de transformar cenas que lidas são ricas em alternativas de significado em uma imagem. O ilustrador tem de definir. Tomar um partido. Descer do muro das possibilidades e optar.

Essa é a desgraça do ilustrador. Essa é sua maravilha.

Quando oferece sua visão de um determinado texto, o ilustrador revela toda sua criatividade, sua técnica, seu corpo de idéias e sua visão de mundo, dando ao leitor a riqueza do seu imaginário.

KAFKA tinha toda a razão de ficar uma bomba. O tal ilustrador, na tentativa de ser fiel ao texto, acabou caindo numa leitura literal, quer dizer, tomou o texto ao pé da letra. E logo com KAFKA, cuja obra é composta de textos cheios de simbolismos, que podem ser lidos concomitantemente dos pontos de vista existencial, metafísico, psicológico, político etc. Caso aprovasse a capa, o autor estaria endossando uma leitura reduzida e medíocre de seu próprio texto.

No caso, quanto menos literal fosse o ilustrador, mais próximo estaria de uma visão coerente com a obra.

Tomar um texto ao pé da letra! Isso nos remete ao universo da literatura infantil. Muitos dizem que ilustrações, num livro para crianças, devem, justamente, ser literais, seguir o texto o máximo possível ou, como nos livros didáticos, tomar as coisas ao pé da letra.

Dizem também que num livro para crianças deve haver uma sincronia entre texto e imagens. Quer dizer: a ilustração deve estar sempre junto do texto que pretende ilustrar.

Suponhamos um texto cuja história se passa predominantemente dentro de uma casa e que seu personagem esteja, por qualquer razão, passando por momentos tristes. Uma ilustração mostrando o personagem andando sozinho, cabisbaixo, numa rua à noite não serviria (confunde as crianças), pois não corresponderia à visão literal do texto, onde as cenas interiores predominam.

Outro exemplo: o personagem é descrito vestindo uma determinada roupa. Após caracterizá-lo conforme o texto, o ilustrador, numa cena que se passa em outro dia, resolve mudar sua roupa. Seria inaceitável (confunde as crianças), de acordo com essa visão literal.

Mais um exemplo: ocorre uma cena dramática no livro. O ilustrador opta por mostrá-la não na página em que está narrada, mas nas duas seguintes, retardando assim, para o leitor, o surgimento da cena e, portanto, interferindo no ritmo da narrativa. Para muitos seria um atentado (confunde as crianças) à sincronização.

Mas confunde como, se as crianças do tempo em que a gente vive (aquelas, bem entendido, que têm chance de comer, estudar etc.) têm acesso a sistemas narrativos complexos muito antes de serem alfabetizadas?

Nem conhecem o beabá e já estão habituadas, através da televisão e do cinema, a acompanhar histórias onde várias narrativas se entrecruzam. Sabem que, como na vida, personagens podem trocar de roupa sem correr o risco de perder sua identidade. Entendem que, mesmo de forma imprevista, uma mosca pode pousar num personagem. Percebem quando a câmera está narrando e quando a câmera é um personagem. Sacam recursos como *flashbacks* e mil outros.

Para essas crianças um livro não precisa trazer desenhos que, a pretexto de buscar uma fidelidade ao texto, só consigam ser óbvios. Para elas, o que se espera são desenhos que somados ao texto consigam ampliar ao máximo o universo de significação do livro como um todo.